

A close-up, profile view of a woman with long, wavy blonde hair. She is wearing a crown of white flowers and green leaves. The background is a soft-focus outdoor scene with greenery and a bright light source, creating a bokeh effect. The title 'A torre de Vidro' is overlaid on the image in a white and gold script font.

A torre de Vidro

CLEIA LIRA



PERIGOSAS NACIONAIS



A torre de Vidro

CLEIA LIRA

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Copyright © 2018 Cleia Lira

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos, são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Revisão: Analine Borges Cirne

Capa: Layce Design

Diagramação Digital: Layce Design

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº. 9.610./98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição digital | Criado no Brasil.

PERIGOSAS ACHERON



Sumário

[Sinopse](#)

[A donzela perdida](#)

[Uma proposta irrecusável](#)

[Eu sou um perfeito cavalheiro](#)

[O retorno da princesa](#)

[Uma nova história começa aqui](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Outras obras](#)

[Contato](#)



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Sinopse

Uma mansão, por mais elegante e moderna que seja, pode se tornar uma torre de vidro, uma redoma inalcançável. Em uma dessas, uma garota foi criada escondida da sociedade. Porém, a jovem Raíssa sabia que existia algo além do que sua visão alcançava. Ela poderia ter escolhido descobrir o que tinha além das muralhas da sua torre sozinha, mas não seria tão divertido quanto na garupa de um motoqueiro *bad boy* que despertou sua atenção enquanto estava debruçada na sacada do seu quarto.

PERIGOSAS NACIONAIS

Uma dose de romance, um pouco de aventura e um moreno lindo que faz qualquer donzela suspirar, esses são os ingredientes perfeitos para uma linda história de amor.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Aos meus leitores queridos...

PERIGOSAS ACHERON

*Sou uma mistura de contos de fadas,
talvez seja por isso que nada que é real comigo dá
certo.*

*Tenho coração mole de donzela,
alma livre de príncipe e personalidade forte de
dragão.*

- Ana Carolina



A donzela perdida

RAÍSSA

*O que os olhos não veem, o
coração não sente.*

- Enrolados

Cresci na mansão dos Guimarães, cercada pelo luxo e coisas que nem precisava. Nunca fui à escola. Minha mãe não achava adequado misturar sua única filha, herdeira dos Guimarães, com outras crianças normais. Por isso, fui educada em casa, mesmo algo assim não sendo permitido no meu país. Todavia, quando se tem muito dinheiro, é

possível fazer qualquer coisa, inclusive burlar as leis. Tive tantos tutores e professores ao longo da minha curta existência que aprendi a não me apegar a nenhum deles. Aprendi a tocar piano, dançar valsa e falar cinco idiomas (tem-se um tempo gigante para estudar quando não se sai de casa e não se tem amigos para atrapalhar os estudos).

Viver assim não era a minha vontade, é claro, mas era impossível contrariar meus pais. Saí poucas vezes da “torre de vidro” em que morávamos. Sempre me referia à minha casa como torre, pois me sentia presa, mesmo que meu quarto tivesse mais espaço do que alguns apartamentos que abrigam famílias inteiras. Apesar do espaço, eu não era livre, o que me afligia cada vez mais. Conforme eu crescia, a angústia aumentava, em especial quando cheguei à adolescência e comecei a engordar. Minha mãe surtou e contratou um *personal trainer* e uma nutricionista para mim. Os

doces foram cortados, e passei a atacar a cozinha na calada da noite para comer.

Apesar dos esforços da minha mãe, eu continuava acima do peso ideal. Como ela dizia, eu tinha muitas curvas, e elas só aumentavam com o passar dos anos. Meu corpo não parecia em nada com a figura magra e esguia da minha mãe. Na verdade, exceto pelos olhos verdes e os cabelos loiros, não tínhamos mais nada em comum. Eu também não parecia com meu pai, que era moreno e baixinho. Talvez fosse por isso que eu era tão incompreendida naquela casa.

Ninguém me entende, pensei frustrada certo dia. Contudo, na mesma hora me lembrei da nossa cozinheira, a Rosa, e me arrependi de reclamar tanto. Ela era minha única amiga, alguém de quem eu aprendera a gostar e não porque ela escondia as melhores sobremesas no micro-ondas para que eu pudesse devorar à noite. Ela se importava comigo

de verdade.

— Bom dia, Rosa! O que você está preparando para o almoço? — questionei, surpreendendo-a, logo depois que tomei meu café da manhã.

A jovem senhora de aparência cansada, mas sempre com um sorriso, estava em frente ao fogão, usando seu uniforme completo de cozinheira, com avental e tudo, uma vez que mamãe fazia questão daquilo. Seus cabelos pretos estavam amarrados num coque bem firme, sem nenhum fio fora do lugar, e seus olhos castanhos eram amorosos como sempre.

— Você quer saber o que preparei para o almoço ou a sobremesa? — perguntou arqueando as sobrancelhas e colocando uma das mãos na cintura enquanto a outra segurava uma colher de pau.

— A sobremesa — respondi, sentando-me em um dos balcões imensos que tinha na cozinha.

— Eu sabia — resmungou, virando-se para

mexer uma panela.

— Então? — insisti na pergunta, já que ela me enrolara e não respondera.

— Estou fazendo pudim e um bolo de chocolate — revelou observando minha reação à sua resposta.

— Não entendo por que minha mãe insiste em fazer sobremesas gostosas se não podemos comê-las — reclamei descendo do balcão.

— Eu também não entendo. O pudim volta intacto da mesa de almoço, e o bolo de chocolate, faltando uma ou duas fatias no máximo.

— Tudo isso porque não posso comer — bufei, irritada com a minha dieta estúpida.

— Sabe que vou guardar um pedaço de cada no micro-ondas pra você — afirmou, fazendo-me sorrir.

— Sei disso e não devia concordar com sua generosidade. Se minha mãe descobre, é capaz de mandar você embora. Até hoje ela não entende por

que não consigo emagrecer apesar da minha dieta rigorosa. Ela acaba culpando o meu *personal trainer*. Tenho um diferente a cada mês.

— Ela não devia exigir tanto de você. Além disso, não acho que esteja acima do peso. Só não é magérrima como ela — comentou tentando me confortar, o que ela sempre fazia.

— Não sabe que não tenho o padrão de beleza da família Guimarães? — brinquei tentando imitar minha mãe andando altiva pela cozinha.

— A barriguinha saliente do seu pai está aí pra mostrar que o padrão da família Guimarães não é tão esbelto assim — rebateu, tirando o pudim do forno, e o cheiro doce invadiu meu olfato, deixando-me com água na boca.

— As mulheres Guimarães — retruquei, repetindo as palavras da minha mãe. Segundo ela, as mulheres da sua família eram lindíssimas, mas eu não conhecia nenhuma delas, uma vez que

moravam todas fora do país. Às vezes ela me mostrava fotografias, e, se não fossem falsas, minhas tias eram modelos e algumas tinham sido até misses em suas cidades, estados e do país. Como concorrer com isso? Era impossível.

— Você é linda do seu jeito, minha menina — disse tentando me confortar mais uma vez.

— Não sou mais uma menina. Vou fazer 18 anos daqui alguns dias — expliquei, passando o dedo na calda do pudim, que estava desenformado em cima da mesa.

— Tudo bem, que seja, então. Você é uma mulher linda, Raíssa! — gritou enquanto eu saía da cozinha para fazer a série de atividades que teria naquele dia, mas só conseguia pensar no pedaço de pudim que Rosa esconderia pra mim no micro-ondas.

Passei o dia todo entrando e saindo de atividades enfadonhas que minha mãe havia organizado para

mim e, no fim do dia, eu estava esgotada. Tomei um banho demorado e depois fiquei deitada na minha cama sem fazer nada. Teria continuado ali se não fosse o barulho da moto do filho da Rosa, que vinha todo dia naquele horário buscar a mãe. Eu nunca o tinha visto de perto, mas, sempre que ouvia o barulho da moto, corria à sacada do meu quarto e ficava lá, observando-o.

Daquela vez não foi diferente. Apesar do cansaço, não hesitei em pular da cama e correr até a varanda. Ele estava lá no mesmo lugar de sempre, sentado na sua motocicleta, usando óculos escuros, com sua aparência de *bad boy*. Ele não era o cara mais bonito que eu já tinha visto. Os filhos mauricinhos dos amigos de meu pai, que apareciam em minha casa uma vez ao ano, eram mais bonitos. Todavia, o filho da Rosa tinha algo que me intrigava e prendia minha atenção como nenhum outro garoto já o fizera. Seus jeans rasgados, a

PERIGOSAS ACHERON

jaqueta de couro que ele sempre usava e os cabelos pretos desalinhados o deixavam quase irresistível. Digo *quase* porque eu nunca me atreveria a falar com ele, mas podia ao menos olhá-lo todos os dias. Fiquei ali até a Rosa aparecer e beijar a face do filho, pegar o capacete que ele estendeu a ela, subir na moto e partir.

— Como será a sensação de andar na garupa de uma moto? — murmurei enquanto voltava para o meu quarto. Deitei-me novamente na cama e fiquei lá até olhar para a janela e ver o sol se pôr.

— Olá, querida, como está? — indagou minha mãe aparecendo no meu quarto toda arrumada.

— Estou bem. Vai sair essa noite? — questioneei observando seu vestido de festa e seus cabelos loiros num penteado perfeito.

— Sim, mais um encontro chato com os acionistas da empresa do seu pai. Não te avisei porque crianças não serão permitidas.

— Não sou mais criança, mãe — reclamei impaciente, mas sabia que era mais uma desculpa esfarrapada dela. Eu nunca havia ido a nenhuma festa que não fosse organizada na minha casa e para poucos convidados, por isso sabia que ela estava tentando me enganar mais uma vez.

— Pra mim, você sempre será uma menina. Agora preciso ir, o seu pai já deve estar dando um chilique lá embaixo enquanto me espera — comentou, dando um beijo molhado na minha testa.

— Tudo bem — bufei impaciente.

— Dei folga para a maioria dos empregos, só deixei os seguranças na casa; portanto, se comporte, mocinha — comunicou parada à porta do meu quarto. Entretanto, não esperou minha resposta, na certa porque sabia que eu não daria; já estava de saco cheio por não ter amigos, não frequentar a escola e o principal, não sair para festas como eles. Não que eu quisesse sair com

meus pais, mas queria sair dali.

Minha única fonte de distração quando todos me deixavam sozinhos era o meu amigo virtual, o Príncipe. Nós havíamos nos conhecido através de um aplicativo de celular alguns meses antes e nos falávamos desde então.

>Oi, Príncipe. Você pode conversar?

<Claro, Rapunzel...

>O que está fazendo?

**<Estou fazendo um trabalho de História para
amanhã.**

>Difícil?

**<Nãaooo. Estou quase terminando, sabe como
sou inteligente.**

>Convencido.

**<Que nada, tenho que evidenciar minhas
qualidades, senão, como vou conquistar você?**

>Está brincando?

<Nãoo, já disse que sou apaixonado por você.

>Pare de dizer besteiras, você nunca me viu na vida.

<Estou apaixonado pela sua beleza interior.

>E meu perfil nem tem foto, de todas as formas...

<Não me preocupo com isso, você sabe, não é?

>Claro que sei!

<Está sozinha de novo?

>Sim, meus pais saíram para um jantar com uns amigos.

<E você não foi?

>Como sempre, não.

<Se eu morasse perto, estaria aí na sua casa num minuto.

>Obrigada. Iria adorar te conhecer.

<Quem sabe um dia, Rapunzel. Agora preciso ir, minha mãe está me chamando para ajudar com a louça do jantar. Até mais.

>Bye, Príncipe.

Joguei o celular ao meu lado na cama, fechei os olhos, entediada, e foi nesse momento que me lembrei do pudim no micro-ondas. Nada como um doce para animar a minha noite.

Desci as escadas correndo, atravessei o corredor até a cozinha em questão de minutos e lá estava eu abrindo o aparelho para encontrar um generoso pedaço de pudim. Peguei o prato, uma colher na primeira gaveta da pia e me sentei de pernas cruzadas num dos balcões, devorando o doce. Ainda fiquei ali por alguns minutos, lambendo a colher e a calda, depois lavei o prato e o deixei escorrendo na pia.

Voltei em direção ao meu quarto devagar dessa vez. Caminhava distraída, contando meus passos, quando parei em frente à porta entreaberta do escritório do meu pai. Jamais eu tinha visto essa

porta aberta. Meu pai saíra tão apressado que se esquecera de trancar. Olhei para trás somente para confirmar que não tinha ninguém atrás de mim e entrei no escritório. Sentei-me na sua cadeira confortável, coloquei meus pés em cima da mesa de mogno e esperei que algo me chamasse a atenção. Porém, foi em vão, tudo estava do mesmo jeito de sempre, por isso me levantei e comecei a folhear sua coleção de livros. Subi a escada para pegar alguns que estavam nas prateleiras mais altas até que um livro de capa dourada chamou a minha atenção. Estiquei-me toda para alcançá-lo e quase caí da escada no processo, mas consegui segurá-lo no último segundo.

Desci com cuidado os degraus que faltavam até o chão, ainda segurando o livro dourado na outra mão. Sentei-me numa das poltronas do escritório, respirei fundo para recuperar o fôlego e abri o livro, mas me arrependi no mesmo instante. Não tinha

nada de interessante nele, e ainda estava em francês. Mesmo eu sabendo ler nessa língua, não estava interessada em aprender jardinagem, por isso larguei o livro de lado e fiquei ali, descansando na poltrona, porém, quando me levantei, o livro caiu no chão. Olhei para baixo, e lá estava ele aberto, com um papel amarelado no meio. Ajoelhei-me no tapete do escritório e peguei o papel com cuidado. Desdobrei-o bem devagar para não o rasgar e fiquei em choque quando vi o seu conteúdo.

Era uma certidão de adoção. Uma menina tinha sido adotada por Francisco e Laura Guimarães havia quase 16 anos. A criança era branca, loira, de olhos verdes e tinha apenas dois anos de idade na época da adoção. Joguei o papel no chão, chocada, e revirei o livro em busca de respostas. Foi assim que encontrei uma fotografia antiga de uma garotinha sentada numa calçada em frente a uma casa simples. Virei a foto e encontrei um endereço

anotado no verso.

— Se esse documento estiver certo... — murmurei, fechando a boca antes de dizer em voz alta o que eu suspeitava. — A mania da minha mãe de me manter presa nesta casa... Meus parentes nunca aparecem para me visitar... Meu pai pouco se importa com o que acontece comigo. Tudo isso pode ser explicado por esse papel. Não posso acreditar... Será que minhas suspeitas estão certas? Então por que meus pais nunca me disseram nada? Agora posso explicar por que eu não tenho a genética das mulheres Guimarães — disse estarrecida e angustiada, segurando a foto antiga nas mãos.



*Um pouco de rebeldia, um pouco de aventura,
isso é bom e até saudável.*

- Enrolados

Sentei-me no chão do escritório e fiquei folheando o livro dourado em busca de outros papéis ou qualquer nota que me esclarecesse ou confirmasse minhas suspeitas. Perguntar à minha mãe estava fora de cogitação. Ela jamais responderia, e eu ainda estaria encrocada por mexer no escritório sem permissão.

Reli o documento tantas vezes que já tinha decorado a data e o local de nascimento da menina. Conforme eu relia aquelas linhas, as coisas iam se encaixando na minha cabeça. Cada vez mais eu tinha certeza de que precisava de respostas e estava decidida a encontrá-las sozinha.

Será que é outra menina?, pensei deixando o livro de lado. Com certeza não é, a idade é a mesma da minha, e ainda tem essa foto.

Eu não tinha fotos de quando era bebê. Sempre achei estranho isso, mas minha mãe disse que tinham sido roubadas numa viagem que havíamos feito para visitar seus pais na Alemanha.

Teria ficado ali por mais tempo a fim de descobrir uma explicação plausível para aquela história toda, mas ouvi o barulho do carro do meu pai e corri para guardar o livro no mesmo lugar de antes. Subi correndo as escadas com os papéis que encontrei debaixo do braço e entrei debaixo da

coberta bem na hora em que a minha mãe abriu a porta do meu quarto para verificar se eu estava dormindo.

Adormeci segurando a foto em uma das mãos. Minha angústia era tanta que acordei na manhã seguinte ainda abalada pelo que achava que tinha descoberto na noite anterior. Precisava saber a verdade e não aguentava mais olhar para meus pais e me perguntar por que tinham mentido para mim por todo aquele tempo.



Os dias passavam, e eu não conseguia encarar meus pais em busca de uma explicação para aquele papel que encontrara no escritório. Por isso decidi descobrir a verdade de outra forma. Eu tinha um endereço e, mesmo ele sendo a quilômetros dali, teria que verificar com meus próprios olhos. Assim ficaria mais fácil confrontar os meus pais.

PERIGOSAS NACIONAIS

Planejei minha fuga por quase um mês. Juntei todas as economias que tinha e cheguei a uma quantia razoável. Então eu só precisava de um meio de transporte. Viajar de avião ou ônibus era impossível, pois, apesar de eu já ter idade para viajar sem autorização dos meus pais, precisava de um documento, e eu não tinha acesso aos meus, que eram guardados pelo meus pais.

Decidi que precisava de um motorista, mas os que trabalhavam na minha casa não eram confiáveis. Eu necessitava de alguém de fora.

Estava impaciente, andando de um lado para o outro na sacada do quarto, quando ouvi o barulho de uma moto. Olhei para baixo e o vi; o filho da Rosa era tudo o que eu precisava para fugir daquela casa sem ser vista pelos seguranças. Eu só precisava convencê-lo a me ajudar.

Fiquei o observando e contei os minutos que ele ficava sozinho esperando pela mãe.

PERIGOSAS ACHERON

No dia seguinte, dei um trabalho extra a Rosa pouco antes de ela sair, e, como ela tinha um grande apreço por mim, foi logo fazer o que eu tinha pedido, deixando o filho esperando lá fora.

Desci as escadas correndo, uma vez que teria apenas alguns minutos antes de ela aparecer e interromper meus planos.

— Olá, você é o filho da Rosa? — questionei, surpreendendo o garoto, que estava encostado na moto com a cabeça baixa.

— Sou — respondeu me observando dos pés à cabeça.

— E-eu pr-preciso... da... da sua ajuda — pedi sem jeito, gaguejando nervosa.

— O que é? — perguntou desinteressado.

— Eu preciso de um motorista para me levar até esse lugar — pedi estendendo um papel com o endereço que estava atrás da foto.

— Está brincando comigo? — resmungou

irritado, devolvendo-me o papel.

— Não estou brincando. Preciso ir até esse endereço e vou pagar cinco mil reais se me levar até lá.

— Não acredito em você. Por que não entra num avião e faz logo essa viagem?

— Porque quero ir de carro.

— Não tenho um carro, por isso me deixe em paz — reclamou, subindo na moto.

— Podemos ir na sua moto.

— Viajar quase três mil quilômetros numa moto? Está louca?

— Não. O que acha de seis mil reais e todas as despesas pagas? — indaguei tentando convencê-lo.

— Não vou embarcar nessa loucura.

— Pense um pouco, e, se mudar de ideia, meu telefone está aqui — falei colocando o papel com o endereço e meu telefone no seu bolso. Virei as costas e saí. Agora só precisava esperar aquele

cabeça-dura me ouvir e aceitar a minha proposta.



Eduardo

Assim que minha mãe subiu na moto e colocou o capacete, acelerei para longe daquela casa fria e da proposta que aquela garota me fizera. Estacionei minha moto na garagem de casa e ajudei mamãe a fechar o portão. Morávamos num bairro violento, por isso, mesmo não sendo confortável para uma senhora, eu fazia questão de buscá-la no trabalho todos os dias. Caso contrário, ela levaria uma eternidade para chegar a casa.

— Como foi o seu dia? — perguntei entrando no nosso minúsculo lar. Ficava nos fundos da casa dos meus avós e era tudo que tínhamos para abrigar a

mim, minha mãe e meus dois irmãos menores, Enrique, de 14 anos, e Gustavo, de 11.

— Bem. Passei o dia todo no fogão e estou exausta — reclamou, sentando-se no puído sofá da sala.

— Devia encontrar outro emprego — resmunguei, mordendo uma maçã que estava em cima da mesa.

— Não posso, ninguém me pagaria tão bem quanto a família Guimarães.

— Ninguém te exploraria como eles, você quer dizer — murmurei me sentando ao seu lado com apenas metade da minha maçã agora.

— Não reclame, sem esse dinheiro passaríamos fome.

— Talvez.

— Você devia vender essa moto e comprar uma mais barata.

— Não posso fazer isso, economizei por cinco

anos para comprar uma Ducati seminova.

— Tudo bem, sei o quanto se sacrificou por causa dessa moto. Podemos dar um jeito de sobreviver com o dinheiro que ganhamos — disse bagunçando meu cabelo.

Minha mãe era minha heroína e não só porque cuidara sozinha de mim e dos meus irmãos depois que meu pai desaparecera das nossas vidas sem qualquer aviso. Eu admirava sua força e o carinho com que nos tratava mesmo nos maus dias, aqueles em que o dinheiro estava curto ou em que tinha cozinhado o dia todo no trabalho e não tinha o que oferecer para os próprios filhos em casa.

— O que você acha da filha da sua patroa? — questionei sondando o terreno, pois sabia pouca coisa da garota riquinha e mimada que morava naquela casa tão elegante.

— A Raíssa?

— Sim, ela mesma — afirmei, tentando

arremessar o resto da maçã no lixo da cozinha.

— O que quer saber sobre ela?

— Nada especial, só a vi hoje e fiquei curioso — menti, sem coragem de olhar para a minha mãe, pois nunca mentia para ela. No entanto, por alguma razão, daquela vez eu o fizera.

— Fique longe da garota. Ela é uma criança, e os pais a criaram numa redoma de vidro. Nada entra e nada sai sem que eles permitam. A casa é cheia de câmeras de vigilância.

— Para que esse trabalho todo? Ela nem é tão bonita assim.

— Pare de dizer bobagens, ela é uma garota adorável, e você saberia se a conhecesse como eu, mas isso nunca vai acontecer. Se os pais dela pelo menos desconfiarem de que você perguntou pela filha deles, nunca mais você poderá entrar naquela casa para me buscar.

— Tudo bem, vamos esquecer o assunto — falei

PERIGOSAS NACIONAIS

no instante em que meus irmãos entraram correndo na sala, suados, e se jogaram em cima de nós.

— Ainda bem que chegou, mano, precisamos de mais um integrante para nosso time — explicou Enrique ainda em cima de mim.

— Sai daqui, garoto, você está fedendo! — reclamei, afastando-me dele, enquanto minha mãe abraçava e beijava o pequeno Gustavo sem se importar com que ele estivesse todo suado.

Como sempre, não consegui recusar o convite dos meus irmãos e passei o resto da noite num campo de futebol perto de casa jogando bola com nossos amigos e vizinhos. Só voltei a pensar na proposta da garota quando encontrei seu bilhete no bolso da minha calça. Guardei o papel na minha carteira e fui tomar banho.

No dia seguinte cheguei alguns minutos atrasado ao escritório em que trabalhava como office-boy e fui chamando à sala do meu chefe.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Desculpe o atraso, não vai mais acontecer — expliquei assim que entrei no seu escritório. Aquele era o meu segundo atraso no mês. Tinha que levar minha mãe ao trabalho e ainda atravessar a cidade para chegar ao meu, e, com tantas motos e carros no caminho, era impossível chegar no horário todos os dias.

— Você falou a mesma coisa na semana passada. Não posso mais contar com você todas as vezes que preciso. Nossa empresa é séria e cumprimos prazos. Se não pode cumprir seus horários, eu vou ter que dispensar você.

— Por favor, não pode fazer isso. Preciso do dinheiro...

— Já sei que ajuda sua mãe a sustentar seus irmãos menores, mas não posso mais contornar essa situação. Passe nos recursos humanos para assinar os papeis da sua demissão! — falou categórico, interrompendo-me.

PERIGOSAS ACHERON

Ele estava irredutível, e não consegui fazer nada para contornar o problema. Saí do escritório cabisbaixo e segurando minha carta de demissão. Eu estava ferrado.

Voltei para casa, inventei uma desculpa qualquer para meus avós e me tranquei no quarto que dividia com meus irmãos. Eu precisava pensar em algo e não podia contar a verdade à minha mãe em hipótese alguma.

Estava quase desistindo de pensar numa alternativa quando me lembrei da proposta da garota. Com seis mil reais, eu teria mais dinheiro para me manter até conseguir arrumar outro emprego.

>Eu aceito sua proposta.

Digitei uma mensagem depois que adicionei seu número no meu celular.

<Já? Não quer pensar melhor?

Respondeu debochando de mim. *Garota mimada e esnobe*, pensei enquanto digitava sua resposta.

>Se mudou de ideia, me avise. Não quero perder tempo.

<Desculpe, não mudei de ideia. Minha proposta está de pé.

>Quando?

<Essa noite.

>Assim tão rápido?

<Sim, não quero perder tempo.

>Tudo bem. Você já tem o dinheiro?

<Claro, mas vou pagar somente no final da viagem.

>Sem problemas, contando que pague.

<Está me chamando de caloteira?

>Não, só quero meu dinheiro.

<Você vai ter, não se preocupe.

>Você tem uma jaqueta de couro e luvas?

<Não, nunca andei de moto antes.

>Tudo bem, eu vou pegar emprestado com uma amiga. Leve pouca roupa, não vamos viajar de férias.

<Entendi. A que horas você vem aqui?

>Meia-noite. Me espere na sacada.

<Combinação.

Eu sabia que era uma loucura e que podia ficar bem encrocado. Provavelmente aquela dondoquinha queria encontrar algum cara aleatório que conhecesse na internet e estava me usando. Contudo, eu precisava de dinheiro, e, se ela me pagasse os seis mil reais, eu não me importava com o que ela faria no Nordeste.

— Mãe, eu vou fazer uma viagem para o

PERIGOSAS NACIONAIS

escritório. Devo ficar uns dias fora de casa — comuniquei assim que estacionei a moto na garagem.

— Estranho... Você nunca viajou antes — murmurou cautelosa.

— Outro cara costumava fazer esse trabalho, mas a esposa dele ganhou bebê e ele não pode viajar dessa vez. Vou ganhar um bom dinheiro para ir no lugar dele.

— Você vai para onde?

— Nordeste. Ainda não sei a cidade, mas, assim que souber, eu aviso.

— Você vai de ônibus?

— Não, vou de moto.

— Viajar tão longe em cima dessa moto é perigoso, meu filho — disse preocupada.

— Não é, não, mamãe, fique tranquila. Corro menos perigo que pilotando nesse trânsito caótico de São Paulo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Talvez tenha razão, mas ainda assim estou preocupada.

— Não fique, serão apenas alguns dias, e, quando você menos esperar, já estarei de volta.

— Se não precisasse tanto desse emprego, diria para recusar, mas não podemos perder seu salário justo agora, que precisamos de dinheiro para pagar o convênio do Gustavo.

Meu irmão caçula nasceu com um problema no coração e precisava de um convênio específico e caro que aumentara recentemente, deixando minha mãe ainda mais preocupada.

— Fique tranquila, tudo vai dar certo — disse, puxando-a para um abraço apertado. Minha mãe era tão baixinha que eu podia encostar meu queixo na sua cabeça.

— Quando você vai?

— Hoje à noite — respondi, beijando seus cabelos.

PERIGOSAS ACHERON

— Tão rápido... — murmurou contrariada.

— Sim. Quanto antes partir, mais cedo eu retorno.

Detestei mentir sobre algo tão importante para ela, mas estava desesperado e precisava de dinheiro a todo custo.

Despedi-me dos meus irmãos logo depois do jantar e exigi que eles tomassem conta da nossa mãe. Disse adeus a meus avós, que ficaram no portão de casa me olhando com carinho enquanto eu acelerava a moto e partia.

Passei na casa de uma amiga para pegar sua jaqueta e luvas emprestadas e pedir um favor. Pelas minhas contas, eu ficaria dez dias fora de casa e precisava de alguém para levar e buscar minha mãe no trabalho. Deixei uma parte da minha indenização com ela e pedi que me fizesse esse favor.

— Sabe que, se eu tivesse condições, não

aceitaria seu dinheiro. Dona Rosa é como uma mãe pra mim, e faço isso com muito prazer — sussurrou Júlia no meu ouvido enquanto eu me despedia dela.

— Fique tranquila, que estou ganhando uma boa quantia nessa viagem.

— Não é nada ilegal? — questionou desconfiada.

— Claro que não — respondi chateado.

— Desculpe, só queria ter certeza — disse me entregando sua jaqueta e as luvas.

Estacionei a moto a alguns metros da casa, entrei sorrateiramente, desviando-me das câmeras de segurança. Conhecia tão bem o lugar que poderia fazer isso de olhos fechados. Quando cheguei em frente ao quarto da garota, arremessei uma pedra na janela e falei em um tom não muito alto para não alertar os seguranças, mas alto o suficiente para que ela me ouvisse:

— Jogue suas tranças, Rapunzel!

Esperei que ela me desse uma bronca, mas o que

PERIGOSAS NACIONAIS

vi me surpreendeu ainda mais. Uma corda foi jogada no chão, e a garota começou a descer por ela com tanta dificuldade que tive de correr para a ajudar antes que ela se espatifasse no chão.

— Por que não usou as portas? — perguntei, segurando-a no colo.

— Por causa das câmeras — explicou, esforçando-se para sair dos meus braços. — E nunca mais me chame de Rapunzel — pediu, nervosinha.

PERIGOSAS ACHERON



*Eu sou um perfeito
cavalheiro*

RAÍSSA

*Ela foi uma princesa pela
qual valeu a pena esperar.*

- Enrolados

Quase me arrependi de fugir no meio da madrugada e por pouco não voltei correndo para dentro de casa a fim de tirar satisfação com meus pais. Seria bem mais fácil e menos complicado, com certeza. Todavia, nunca gostei de coisas fáceis, sempre me empolguei com um desafio, e viver todos esses anos trancada em casa me deu

uma energia e tanto, que eu precisava gastar.

— Coloque essa jaqueta e as luvas — pediu Eduardo, estendendo-me as peças. Tirei minha mochila dos ombros e as vesti, depois coloquei a mochila de volta. Ele me ajudou a colocar o capacete, subiu na moto, ajeitando um saco com suas roupas à frente do seu corpo. Sentei-me logo atrás, tentando me equilibrar naquela coisa sem segurar nele, mas era impossível.

— Não tenha medo, dondoquinha, eu não mordo — ele disse me puxando para perto do seu corpo e entrelaçando minhas mãos na sua cintura.

— Não sou dondoquinha — reclamei irritada, apertando seu abdômen.

— Tudo bem. Vamos embora, Raíssa — falou enquanto acelerava a moto e nos afastávamos cada vez mais da minha casa.

Foi complicado me equilibrar no veículo nos primeiros quilômetros. Eu me mexia tentando

conseguir uma posição confortável, mas de nada adiantava.

— Se continuar se mexendo assim, vamos cair — informou irritado.

— Nunca andei em uma moto antes e não estou conseguindo me acostumar.

— Não devia fazer uma viagem tão longa de moto se nunca andou em uma antes — resmungou para me provocar.

— Não tive alternativa, você era tudo que eu tinha — lamentei, beliscando seu abdômen e recebi um grito e uma cotovelada em troca.

— Agora estamos quites — disse, acelerando a motocicleta.

Decidi fechar minha boca por um tempo, e continuamos a viagem. Se as mulheres antigamente conseguiam fazer longas viagens no lombo de um cavalo, eu poderia aguentar viajar naquela moto.

Aproveitamos a lua cheia, que iluminava a

paisagem à nossa frente, e seguimos estrada afora. Andamos por cidades, passamos por vilarejos, e, quase de manhã, paramos para tomar café em um dos postos à beira da estrada.

Não sentia minhas pernas quando desci do transporte. Caminhei com as pernas mais abertas do que o normal e tive de ouvir calada os comentários grosseiros do meu motorista particular. Estava tão irritada com ele que não abri a boca enquanto bebia meu café e comia uma fatia de pão na chapa e pão de queijo. Eu nunca havia tido um café da manhã tão magro, porém, o que me deixava mais frustrada era a companhia.

Peguei meu celular no bolso da calça jeans e digitei uma mensagem para o meu Príncipe.

— Se não quer ser encontrada pelo seus pais, por que trouxe seu celular?

— Não é meu celular. Comprei esse aparelho pela internet no nome de um dos empregados da

casa — expliquei em tom de desafio.

— Até que você é espertinha, garota. No entanto, fiquei curioso. Do que está fugindo? — questionou, bebendo um gole do seu café.

— Não estou fugindo. Quero encontrar uma pessoa.

— Um namoradinho?

— Não é da sua conta — reclamei, levantando-me da mesa.

— Aonde vai? — indagou confuso.

— Vou esperar lá fora. De repente, o ambiente ficou pesado — ironizei.

— Não esquece de deixar o dinheiro do café. Se esqueceu de que prometeu pagar todas as despesas?

— Não me esqueci — murmurei, jogando uma nota de cinquenta reais na mesa. — E fique com o troco! — gritei antes de sair da lanchonete.

Fizemos mais algumas paradas no caminho para abastecer, para comer, para usar o banheiro. Estava

tão cansada que cochilei em alguns pontos, e, assim que escureceu, decidimos parar numa pousada acolhedora à beira da estrada. Era a primeira que víamos que não parecia um motel de quinta categoria. Talvez fosse por isso que o estacionamento estava lotado de carros. A pousada também estava com a lotação quase completa. Só conseguimos uma suíte com uma única cama, e, apesar do cansaço, eu estava disposta a continuar a viagem em vez de compartilhar um quarto com um total desconhecido.

— A cama é minha. Você pode dormir no chão — ele informou, pulando na cama e jogando um travesseiro para mim.

— Eu paguei por esse quarto, paguei por essa viagem e devo ficar com a cama — argumentei tentando tirá-lo de lá, mas o cara era pesado e, por mais que eu o empurrasse, ele não saía do lugar.

— Vai sonhando! Estou tão cansado que não

conseguiria sair dessa cama mesmo que quisesse — anunciou, bocejando, e fechou os olhos logo em seguida. Achei que ele estivesse brincando comigo. Porém, não demorou muito para que ele entrasse num sono profundo, em questão de minutos. Esperei, esperei, esperei, e nada de o fulano acordar.

— Você me paga... — murmurei pegando minha mochila e trancando a porta do banheiro atrás de mim. Tomei um banho demorado, lavei meus cabelos muito longos e os sequei com o secador da pousada. Coloquei minha camisola de seda favorita e saí devagar, sondando o terreno, mas meu acompanhante dormia feito pedra.

Vasculhei os armários em busca de cobertores, joguei tudo no chão ao lado da cama, peguei dois travesseiros e tentei dormir no chão pela primeira vez. Todavia, não consegui. Fiquei imaginando insetos rastejantes sobre minha pele, baratas,

aranhas e fiquei com os olhos arregalados de medo, mesmo estando exausta.

Contrariando tudo o que eu dissera a mim mesma antes, deitei-me na cama ao lado do Eduardo, mesmo não querendo ficar tão perto de alguém como ele. Coloquei um cobertor no meio para impedir que ele se aproximasse do meu corpo e me deitei bem no cantinho. A cama não era confortável como a minha, mas bastou que eu encostasse a cabeça no travesseiro para adormecer. Não levou nem meio minuto.

Acordei com braços e pernas em cima de mim. Abri meus olhos devagar e quis gritar para ele sair de cima de mim, uma vez que ele atravessara a barreira de cobertas que eu tivera todo o cuidado em fazer, para ficar grudado em mim feito uma lagartixa.

— Acorde, acorde e pare de me agarrar — pedi olhando para aqueles braços e pernas nus. Não

imaginava em qual momento da noite ele acordara e resolvera tomar um banho. No entanto, eu não sabia se ficava agradecida por ele estar limpo ou se ficava preocupada por ele estar usando apenas uma cueca boxer.

— Não estou te agarrando, garota — disse com a voz ainda grogue pelo sono.

— Então se afaste de mim — pedi tentando me desvencilhar daquele monte de pernas e braços. O cara mais parecia um polvo.

— Você não devia estar tão sexy assim — comentou olhando minhas pernas e minha calcinha, que estava toda à mostra devido ao esforço que eu tinha feito para me desvencilhar dele.

— Quem disse que estou sexy? — questionei injuriada.

— Essa camisola. As garotas usam coisas assim para conquistar os homens.

— Uso camisolas como essa todas as noites —

informei, apontando para a peça preta básica de seda.

— Não use mais — pediu correndo em direção ao banheiro, enquanto eu ficava sentada na cama sem entender nada. Ele demorou tanto no chuveiro que voltei a dormir. Com a cama somente para mim, consegui descansar mais tranquila.

Abri meus olhos novamente e estava sozinha no quarto. Tentei escutar o barulho de água correndo no banheiro, mas não havia nada. Levantei-me e tomei mais um banho, vesti uma calça de yoga, uma blusinha de seda, minhas botas de cano curto e a jaqueta que ele trouxera para mim. Prendi meus cabelos num rabo de cavalo e saí do quarto em busca de comida. Senti o cheiro de bolo fresquinho já no corredor. Sentei-me à primeira mesa vazia que encontrei e decidi encher o prato com todas as comidas típicas mineiras que encontrei no bufê.

Aproveitei que não tinha os olhares de

recriminação da minha mãe sobre mim e repeti o bolo de mandioca e alguns pães de queijo. Saí do pequeno refeitório da pousada satisfeita e procurando meu motorista particular para seguir viagem. Encontrei-o abastecendo a moto no posto de gasolina ao lado.

— Está pronta pra ir? — questionou me analisando com aqueles olhos escuros traiçoeiros.

— Estou — respondi com as bochechas vermelhas sob seu olhar.

Voltamos juntos para a pousada e recolhemos nossas coisas. O clima estava diferente entre nós. Tinha reciprocidade implícita nas nossas ações. Parecia que uma intimidade surgira depois que dividíramos uma cama, e, mesmo que eu não conseguisse dizer em voz alta, estava grata por ter alguém ao meu lado naquela jornada de descoberta. Eu não sabia como essa mudança viria, só sentia que ela estava próxima e que eu não podia mais

segurá-la.

Antes de subir na moto, penduramos as bolsas num suporte que não estava ali antes. Provavelmente tinha sido isso que ele fizera enquanto eu dormia. Então, saímos em direção ao nosso destino.



O retorno da princesa

RAÍSSA

*A cada minuto do resto da
minha vida, eu vou lutar!*

- Enrolados

Depois de um dia inteiro viajando de moto, eu parei de reclamar o tempo todo e comecei a curtir a paisagem linda à minha volta. Viajámos beirando o mar, e as praias eram lindas, principalmente assim que chegamos à Bahia.

— Podemos parar aqui? — pedi empolgada, sentindo o cheiro da brisa do mar.

— Tem certeza? Ainda temos muitos quilômetros para percorrer! — gritou para que eu ouvisse através do barulho da moto.

— Sim — respondi e cutuquei seu abdômen, como sempre fazia para indicar que precisava parar. Ele foi desacelerando e entrou em um dos caminhos até a praia, estacionando a moto debaixo de um coqueiro. Desci toda empolgada. A praia era linda, do jeito que eu imaginava. Tirei meus sapatos e senti a areia morninha nos meus pés. Era muito bom.

— Você já esteve numa praia antes? — perguntou curioso.

— Não, só vi pela TV — respondi, sentando-me na areia.

— Teve sorte; essa praia é linda — comentou, sentando-se ao meu lado.

— É sempre assim tão calmo e deserto numa praia? — questionei observando o mar calmo e a

praia vazia.

— Não, algumas ficam lotadas. Hoje é dia de semana, e essa praia é tranquila e afastada das cidades. Deve ser por isso.

— Entendi. Será que posso nadar?

— Você trouxe biquíni?

— Não, mas posso ficar de calcinha e sutiã — expliquei, dando de ombros.

Ele torceu o nariz, irritado com algo que eu disse e se virou quando comecei a tirar minhas roupas. Eu não era ingênua e sabia que não deveria ficar de lingerie na frente de um homem, mas confiava em Eduardo e sabia que ele não faria nada comigo. Além disso, ele não parecia sentir nenhum tipo de atração por mim, e o sentimento era recíproco. Tirei minhas roupas numa velocidade impressionante e corri para a água. Caminhei devagar enquanto as ondas quebravam nas minhas coxas nuas, e, quando a água estava na minha

PERIGOSAS NACIONAIS

cintura, mergulhei.

Molhei meus cabelos, fechei meus olhos e me senti livre pela primeira vez na vida. Quando voltei à superfície, o Edu estava à minha frente e com uma expressão estranha nos olhos.

— Você sabe nadar? — perguntou preocupado.

— Claro, o que achou que eu fazia naquela piscina enorme que tem na minha casa? — indaguei arqueando minhas sobrancelhas.

— Desculpe, eu esqueci da piscina e achei que você não sabia nadar — respondeu mais tranquilo.

— Claro que sei — afirmei, empurrando-o na água, e mergulhamos juntos.

Perdi a noção do tempo enquanto me desviava das ondas e brincava com Edu. Quando decidimos voltar para a areia, já estava anoitecendo.

— Não acho uma boa ideia dirigir agora — comentou olhando para a moto sozinha estacionada na praia.

PERIGOSAS ACHERON

— Podemos dormir aqui, como se fosse um acampamento? — pedi animada.

— Tem certeza? Pode não ser seguro... — comentou preocupado, coçando a cabeça.

— Podemos colocar um lençol no chão, algumas toalhas e dormir aqui mesmo — sugeri correndo na minha bolsa para pegar uma toalha.

— Não será preciso, tenho uma barraca. É pequena, mas deve servir.

— Como você trouxe uma barraca?

— Não trouxe, comprei essa manhã junto com esse suporte para guardar as bagagens na moto. O cara da loja disse que era uma mão na roda para quem viaja de moto, por isso decidi comprar.

— Então vamos acampar de verdade! — anunciei animada.

A barraca era bem pequena mesmo e mal cabia uma pessoa. Vesti um short e uma camiseta por cima da lingerie molhada enquanto Edu recolhia

PERIGOSAS NACIONAIS

gravetos e palha de coco para fazer uma fogueira.

Usamos o isqueiro para acender o fogo e ficamos lá, comendo um saquinho de batata fritas, um pacote de amendoins, algumas balas que ele tinha no bolso da calça e uma garrafa de água.

— O melhor jantar da minha vida — debochei.

— Não brinque com isso. Pelo menos temos algo pra comer.

— É, tem razão. Poderíamos ter que pescar ou subir nesses coqueiros enormes para conseguir alimento.

— Você é sempre assim, tão engraçadinha?

— Não, só com você. Acho que você tem o poder de despertar meu lado cômico.

— Você não leva nada a sério. Espero que essa viagem tenha um belo motivo — comentou jogando um graveto no fogo.

— Pode ficar tranquilo, que tem um bom motivo — disse, lembrando-me de por que fugira de casa.

PERIGOSAS ACHERON

Levantei-me devagar e entrei na barraca. A brincadeira tinha acabado. Em breve, eu saberia a verdade sobre meus pais, e isso só me apavorava.

Deitei-me encolhida na barraca, ainda com os cabelos molhados, e comecei a chorar. Na certa, meus pais estavam loucos por que eu fugira de casa, e eu ficaria de castigo por uma eternidade quando voltasse.

— Por favor, não chore — pediu Edu se deitando ao meu lado e me puxando para perto do seu peito.

— Não estou chorando — contestei com a voz embargada e limpando as lágrimas.

— Não se preocupe, eu vou cuidar de você — anunciou, beijando meus cabelos e colando seu corpo ao meu. Eu devia protestar, afinal, aquela intimidade não era adequada, mas era tão bom ser acalentada assim. Eu nunca tivera aquilo, e meu corpo se acalmou no mesmo instante ao seu toque gentil e carinhoso.

Adormecemos juntos numa barraca pequena em numa praia deserta em algum lugar na Bahia. Quando acordei, estava sozinha. Abri meus olhos e fiquei ali, observando o teto verde da barraca. Meu corpo ainda tinha o cheiro do Eduardo, e eu sabia que isso não era nada bom.

— Vamos partir? — perguntei me sentando ao lado dele na areia.

— Vamos, estava só esperando você acordar — falou sem olhar para mim.

Eu não sabia o que tinha feito de errado, mas alguma coisa não estava bem entre nós novamente, a tensão no ar era palpável. Não brincamos, sequer conversamos enquanto ele desmontava a barraca e arrumava tudo no suporte da moto.

Coloquei a jaqueta e o capacete, mas não a calça. Subi na garupa da moto usando meu short, e ele nem reclamou por isso. A situação estava bem séria dessa vez. Tive de morder minha língua muitas

vezes para não perguntar o que havia acontecido, o que eu tinha feito de errado. Entretanto, achei melhor manter o silêncio e esperar ele se manifestar.

Paramos no primeiro posto apresentável que encontramos, e tomei um banho decente, troquei minhas roupas e escovei os dentes. Tomamos um café da manhã simples, mas que serviu para aplacar a minha fome. Fizemos tudo isso sem conversar. Se trocamos duas palavras, foi muito. A tensão só aumentava, e eu estava desesperada por respostas.



Eduardo

Eu achei que seria um trabalho simples levar a garota até o seu destino. Já havia viajado com

mulheres antes, a Júlia era uma delas, e eu nunca tivera problemas. Por isso, quando aceitei a proposta da dondoquinha, achei que não teria problemas, era só mais uma garota na minha garupa. Contudo, Raíssa era diferente. No começo, eu não sentia nada quando ela tocava meu abdômen, porém, aos poucos as coisas foram mudando.

Quando a vi de camisola na primeira noite em que dormimos na mesma cama, tive de correr para o banheiro para que ela não visse como eu tinha ficado. Raíssa não era mais a garota mimada que eu sempre imaginara. Seu corpo era lindo, cheio de curvas e não combinava em nada com seu rosto inocente. Ela não fazia ideia do que eu estava sentindo, e eu achava melhor que continuasse assim.

Parei de brincar com ela e tentei me afastar, mesmo viajando juntos. Diminuí as conversas e

contei os quilômetros que faltavam para aquela viagem acabar. Teríamos de voltar juntos, claro, mas eu pensaria num problema de cada vez. Talvez, quando eu visse o seu namoradinho, esquecesse o sentimento que estava nascendo em meu peito e entendesse de uma vez que aquela garota não era para mim.

Loucura, gostar de alguém tão longe do meu alcance, pensei enquanto acelerava a moto e ultrapassava mais um carro. Eu havia tido algumas namoradas, inclusive a Júlia, mas acabara entendendo que tinha outras prioridades e que precisava estar focado nelas. Então, justo quando eu não estava procurando uma menina, aparecia a Raíssa, a única garota que eu não podia querer. Era algo irônico, não?

Senti suas mãos macias no meu abdômen e, mesmo que fosse por cima da camiseta, estremeci. Não devia, mas o fiz. Mordi meu lábio para conter

o desejo, que estava evidente, e acelerei a moto no momento exato em que a chuva nos encontrou. O tempo não estava nublado e nem parecia que iria chover. No entanto, as gotas nos atingiram com força, e fiquei aliviado por poder aplacar meu desejo. Diminuí o ritmo para não deslizar nas poças de água que começaram a se formar na pista, mas segui em frente até que não dava mais. As gotas pareciam pedras afiadas caindo sobre nós. Esperei chegar até uma ponte e parei.

— Vamos esperar a chuva parar aqui — anunciei, descendo da moto. Todavia, não estava preparado para a cena que vi ao ajudá-la a desmontar.

Raíssa tirou o capacete. Os cabelos estavam molhados, os lábios, vermelhos, e a blusa branca, encharcada e grudada no seu corpo.

— Por que você não colocou sutiã? — reclamei aflito, virando-me para o outro lado.

— O quê? — perguntou confusa, fechando a jaqueta.

— Nada, não. Estou falando sozinho — respondi ainda virado de costas para ela.

— Você está estranho desde ontem. O que aconteceu?

— Não se preocupe, só estou cansado da viagem — murmurei fitando um ponto estratégico à minha frente enquanto a chuva aumentava.

— Também estou cansada, mas não estou emburrada como você. O que foi? Fiz algo de errado? — questionou tocando minhas costas.

— Estou bem — murmurei fitando as pilastras da ponte.

— Então olhe pra mim — pediu, girando-me para eu ficar de frente para ela, e foi a minha perdição. Seus lábios molhados e rosados, sua pele macia com gotas de chuva. Se eu pudesse, gostaria de eternizar aquele momento, tirar uma foto,

imprimi-la e grudá-la em uma parede inteira do meu quarto. Eu dormiria olhando para ela, comeria olhando para ela e, por fim, a olharia por quanto tempo quisesse.

— Você está linda — confessei, deixando meus sentimentos escaparem pela primeira vez.

— Está brincando? Estou toda molhada, meu cabelo está horrível e estou com frio — reclamou, alheia aos meus olhos quentes pelo seu corpo e cobrindo seus seios, que, minutos antes, estavam à mostra e me permitiam ver até seu delicado contorno pelo tecido molhado e transparente.

— Nunca vi mulher mais linda — desabafei. Já estava na chuva mesmo, o que custava me molhar um pouco mais?

— Não concordo com voc...

Interrompi-a antes que ela terminasse de falar. Eu poderia levar um tapa na cara por isso, mas não resisti. Fechei o espaço que nos separava, apoiei

minhas mãos na sua cintura e, sem que ela demonstrasse qualquer reação, devorei sua boca como um homem faminto. Mordisquei seus lábios macios, explorei sua boca com avidez e senti seu gosto doce me atingir em cheio. Fiquei louco de desejo. Perdi a noção de onde estávamos, esqueci que ela não queria me beijar e deixei meu instinto me conduzir. Pior coisa que deveria ter feito.

— Desculpe... Mil desculpas! Isso não vai mais acontecer — pedi, afastando-me contrariado dos seus lábios. Raíssa estava confusa. Colocou uma das mãos na boca, respirou fundo e não conseguia me olhar nos olhos.

— Tudo bem, sem problemas. Podemos ir agora? — pediu, virando-se para a moto.

A chuva não tinha parado, mas estava bem fraca, quase uma garoa. Subimos na moto em silêncio e seguimos viagem. Raíssa não ousou segurar na minha cintura dessa vez. Estava mais acostumada a

andar de moto e se apoiou nas pernas. Não fiz nenhuma manobra mais arriscada, uma vez que estávamos em linha reta.

Paramos numa pousada à beira da estrada, ainda molhados. Deixei que ela fosse na frente e tomasse um banho quente enquanto eu subia as escadas com nossas coisas. Conseguimos o último quarto vazio da pousada e nem discutimos a respeito; sequer havíamos conversado depois do beijo. Na certa, ela estava arrependida por ter me deixado beijá-la e iria esconder isso a todo custo do seu namoradinho. Eu ainda não sabia se conseguiria esquecer o gosto dos seus lábios, mas não iria implorar por outro beijo e nem tomaria a iniciativa mais uma vez; se ela quisesse, teria que tomar, como eu fizera na primeira vez.

Quando entrei no quarto, Raíssa já estava coberta da cabeça aos pés na cama. Decidi ignorá-la; era mais fácil. Entrei no banheiro e fiquei debaixo do

chuveiro por tanto tempo que meus pés se enrugaram. Saí usando apenas minha cueca boxer e arrastei algumas cobertas e travesseiros para dormir no chão. Não poderia arriscar me deitar na mesma cama que aquela garota, não depois que meu desejo por ela se multiplicara desde que eu a beijara. Encostei minha cabeça no travesseiro macio e o corpo no chão duro e adormeci pensando no beijo mais incrível que havia tido na vida.



*Uma nova história
começa aqui*

RAÍSSA

*— Alguma coisa te trouxe até aqui.
Chame do que quiser: acaso, destino...*

- Enrolados

Ao me deitar na cama, entrei embaixo da coberta, apesar do calor escaldante. Não consegui dormir. Escutei o barulho da porta do banheiro se abrindo e esperei o corpo quente de Eduardo encostar no meu. Todavia, ele não veio, e continuei sozinha na cama. *O que eu fiz de errado dessa vez?*, pensei aflita.

Remexi-me na cama, inquieta, pois o sono não vinha. Sentei-me e o vi deitado no chão usando apenas uma cueca, como sempre fazia, porém, dessa vez não consegui desgrudar meus olhos do seu corpo atlético e tive que fazer um esforço enorme para não me deitar no chão ao seu lado.

Eu não sabia explicar o que acontecera depois do beijo. Era como se ele tivesse ligado um botão e, de uma hora para outra, eu me tornasse deslumbrada pelo filho da Rosa. Se bem que eu sempre havia sido encantada por ele, mas, longe, não tinha problema; agora, tão perto e me beijando daquele jeito, era impossível resistir.

Ignorei aquela vozinha interior que me pedia para deitar ao lado de Edu e voltei a dormir. Se ele conseguia me ignorar depois do beijo, eu também poderia fazer isso.

Acordamos na manhã seguinte como se nada, nada mesmo tivesse acontecido entre nós. Subimos

na moto depois de um café da manhã meia boca e seguimos para o nosso destino. Não conversamos, não toquei no seu abdômen sem necessidade, como sempre fazia, e nada mais de beijos.

— Preciso parar numa praça a alguns quilômetros daqui — falei quando paramos num posto para abastecer, mostrando-lhe a cidade num mapa em meu celular.

— Esse é o seu destino? — perguntou interessado.

— Não, é apenas uma pausa — respondi, sorrindo e lembrando que, enfim, eu conheceria meu Príncipe.

— Como quiser, vou parar nessa praça — murmurou, sentando-se na moto e esperando que eu sentasse na sua garupa.

Apenas duas horas depois, estávamos estacionando em frente à praça em que eu havia combinado de encontrar meu Príncipe. Desci da

moto nervosa e tirei meu capacete.

— Espere aqui, quero ir sozinha — pedi, afastando-me dele.

Caminhei devagar até um banco no centro e o encontrei sentado de costas para mim.

— Um beijo pelos seus pensamentos — sussurrei no seu ouvido.

— É você, Rapunzel? — indagou esticando as mãos para me alcançar.

— Sou eu. Não disse que viria? — respondi me sentando ao lado dele no banco. Não havia planejado aquele encontro, mas, na noite anterior, eu estava tão triste que mandei uma mensagem para o meu amigo virtual e descobri que ele estava apenas a alguns quilômetros de mim. Foi assim que decidi finalmente conhecê-lo.

— Posso tocar seu rosto? — pediu empolgado. O meu Príncipe e melhor amigo era cego desde que nascera e fazia parte de quem ele era tocar as

peessoas. Por isso deixei que ele fizesse isso, e seu sorriso mostrou o quanto ele estava feliz.

— Você é ainda mais linda por fora — comentou segurando minhas mãos com carinho.

— Obrigada por vir me conhecer. Estou feliz por ver o rosto do meu Príncipe.

Ele era uma pessoa impressionante. Apesar de suas limitações, aprendera a ler em braile, usava computadores com teclados em braile e outros gadgets adaptados, estudava e era um dos mais inteligentes de sua turma e ainda ajudava a sua mãe em casa.

— Eu também, Rapunzel, estou muito feliz por segurar sua mão. Nunca vou esquecer esse dia.

— Também não vou me esquecer. Queria ficar um tempo com você, mas, como sabe, estou de partida. Preciso saber quem são meus pais verdadeiros.

— Eu entendo você, não se preocupe. Vá

tranquila e volte quando quiser. Estarei sempre aqui te esperando.

— Sei disso. Passo na sua casa na volta. Você é um amigo querido e me ajudou nos meus momentos de solidão — disse com lágrimas nos olhos ao abraçá-lo com carinho. Apesar dos nossos apelidos amorosos, éramos amigos, verdadeiros amigos.

Nós nos despedimos com um beijo na face. Foi doloroso deixá-lo ali. Eu tinha tantas coisas para contar a ele, mas não podia mais adiar o meu destino. Precisava saber a verdade. Subi na moto com os olhos marejados. Edu me olhou apreensivo, querendo uma explicação para a cena estranha que presenciara de longe, mas não disse nada.

Seguimos viagem. Ainda tínhamos alguns quilômetros até o meu destino. Se fosse em outro momento, teríamos parado mais uma vez, porém, não o fizemos. Edu dirigia feito louco e tinha uma

PERIGOSAS ACHERON

pressa em chegar que me assustava. Porém, eu também não aguentava mais prolongar aquele momento, por isso não questioneei sua atitude, apenas me segurei com toda a força que tinha na sua cintura enquanto a velocidade da moto só aumentava.

Estava com a cabeça encostada nas suas costas e os olhos fechados quando a moto desacelerou e parou de repente.

— Está entregue. Chegamos ao seu destino — murmurou impaciente, tirando o capacete.

Fiz a mesma coisa e pude ver a mesma casa da foto, com uma pintura nova, algumas melhorias, mas ainda assim era o mesmo lugar. Deixei o capacete na moto, coloquei minha mão dentro do bolso da jaqueta, onde havia guardado os papeis que encontrara no escritório do meu pai e respirei fundo antes de bater palmas e esperar alguém sair da casa.

— Vou entrar sozinha — comuniquei, suplicando com os olhos para que Eduardo atendesse meu pedido.

— Vou esperar aqui — bufou, contrariado.

Esperei alguns minutos até que alguém aparecesse à porta para me receber. Entretanto, estava tão nervosa que pareceu uma eternidade. Estava quase batendo palmas novamente quando um rapaz loiro um pouco mais velho do que eu apareceu à minha frente.

— O que deseja, moça? — perguntou com sotaque diferente.

— Você mora nessa casa faz tempo?

— Sim, desde que nasci — respondeu passando as mãos no cabelo.

— Você conhece essa garotinha na foto? — inquiri entregando a única coisa que me ligava àquela casa.

Ele pegou a fotografia e a olhou com atenção. Vi

quando seus olhos ficaram marejados e uma lágrima começou a descer pela face.

— Podemos conversar lá dentro? — pediu abrindo o portão modesto e me convidando para entrar.

Eduardo, apesar de curioso com toda aquela situação, não se mexeu para me seguir. Entrei sozinha na casa simples, mas bem limpa e organizada. Sentei-me num sofá e aguardei que o rapaz tivesse condições de falar.

— Essa é a minha irmã mais nova. Desapareceu dessa mesma calçada quando tinha quase dois aninhos. Minha mãe trabalhava direto para nos sustentar, e eu fiquei responsável por cuidar dela e de nossa outra irmã do meio. Porém, nesse dia me descuidei por uns minutos e entrei para buscar uma bola dentro de casa, e ela desapareceu.

Não era possível... Não podia ser verdade! Eu nunca poderia ser aquela garotinha. Meus pais eram

PERIGOSAS ACHERON

ambiciosos, mas nunca fariam algo horrendo como rapto. Pelo menos, era o que eu imaginava enquanto as lágrimas enchiam meus olhos.

— Como conseguiu essa foto? — indagou ele enxugando o rosto, preocupado.

— Encontrei no escritório do meu pai — respondi tentando em vão secar minhas lágrimas.

— O que seu pai fazia com uma foto da minha irmã desaparecida? — questionou, levantando-se do sofá, nervoso.

— Não sei, a encontrei junto com esse papel — expliquei, entregando-lhe a certidão de adoção. Pela primeira vez, eu comecei a entender. Seus olhos saltaram do papel para mim, e ele ficava cada vez mais assustado, até que fechou e abriu a boca tantas vezes que pensei que fosse ter um enfarte à minha frente.

— Você é a Letícia? Você é a minha irmã caçula? — inquiriu com esperança nos olhos.

— Eu não sei, vim até aqui em busca de respostas. Talvez sua mãe possa me reconhecer ou identificar alguma marca de nascença no meu corpo, embora eu não me lembre de nada no momento.

— Infelizmente, minha mãe não pode ajudar — murmurou, sentando-se no sofá com a cabeça baixa.

— Por quê?

— Ela morreu no ano passado. Esperou reencontrar a filha perdida até seu último suspiro.

— Sinto muito — falei mais por cortesia. Embora a senhora talvez fosse minha mãe, eu não conseguia sentir pesar por sua morte. Era como se eu soubesse que qualquer outra pessoa tivesse falecido.

— Seus pais não confirmaram sua origem? — perguntou animado.

— Não perguntei a eles, queria descobrir sozinha

a verdade.

— Você se parece com nossa irmã do meio. Ela não tem a pele tão clara assim, nem os cabelos com esse brilho, mas o rosto é bem parecido.

— Onde ela está? Quem sabe se lembre de algo que possa nos ajudar.

— Bem longe daqui. Ela mora em São Paulo.

— Também moro em São Paulo.

— Que coincidência! — exclamou.

Eu esperava ter respostas, mas estava com mais dúvidas. Anotei o celular do Pedro, meu provável irmão, e o endereço da Isabella, sua irmã, em São Paulo. Visitei o quarto da mãe dele, que estava do mesmo jeito em que ela o deixara antes de morrer. Vi outras fotografias da bebezinha loirinha e feliz, algumas roupas de criança, e, no final, pouco antes de eu sair, Pedro me confessou que a mãe morrera de desgosto e saudades da filha que nunca mais vira. Eu não sabia o que dizer, por isso somente o

abraçei forte e prometi que ligaria assim que soubesse de algo.

Saí da casa com lágrimas nos olhos e ignorei Eduardo parado ali me esperando. Continuei caminhando, caminhando, até me sentar na areia. Observei o mar por um tempo e decidi fazer a ligação que eu tanto precisava.

— Alô! Alô, quem fala? É você, Raíssa? Por favor, diga alguma coisa! Estamos aflitos!

— Sou eu, mas meu nome não é Raíssa, é Letícia.

— Que Letícia? Está louca, menina? — perguntou nervosa do outro lado da linha.

— Não me engane mais, sei que não sou sua filha.

— Como assim? Do que você está falando?

— Descobri que fui raptada da minha verdadeira família pobre, no Nordeste, quando eu tinha quase dois anos — desabafei, deixando as lágrimas

caírem sem qualquer restrição.

— Não foi bem assim que aconteceu! Por favor, me escute!

— Tente explicar, mas não acredito em nenhuma palavra sua.

— Você foi adotada legalmente. Não sabíamos que foi sequestrada.

— Não sabiam até quando?

— Até ver a assistente social que fez sua adoção ser presa alguns meses depois que você chegou aqui.

— Se sabiam, por que não me entregaram de volta à minha família verdadeira?

— Não podíamos ser mencionados no meio dessa confusão toda. Os negócios do seu pai não suportariam um escândalo como esse.

— O que fizeram, então?

— Saímos do Brasil até a poeira baixar, pagamos as pessoas certas para tirar nossos nomes da

investigação e decidimos esquecer.

— E a minha família verdadeira? Minha mãe me procurou até morrer de desgosto. Nunca pensaram nela, apenas em vocês, como sempre, por isso me escondiam de todos. Tinham medo de que alguém me reconhecesse ou me relacionasse ao caso, principalmente seus amigos.

— A imprensa não parava de publicar fotos sobre o caso na televisão, nos jornais, alguns depoimentos das mães de filhos desaparecidos e fotos de crianças, muitas crianças, inclusive você, que, apesar dos nossos esforços, foram parar na mídia. Não relacionaram o caso com a nossa família, mas era questão de tempo.

— Então foi assim que conseguiu a minha foto?

— Sim.

— Por isso me escondeu, me privou da minha família verdadeira e ainda me aprisionou na sua torre de vidro.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você devia me agradecer, garota ingrata! Criamos você como nossa filha, e não tem capacidade de nos agradecer!

— Agradecer por quê?

— Agradecer por não morrer de fome em algum casebre no Nordeste.

— Você nos tirou a liberdade de escolher. Minha família verdadeira nunca me deu para adoção. Mesmo pobres, eles me amavam, enquanto vocês só queriam uma filha para mostrar aos outros que podiam ter herdeiros e não eram completos inúteis.

— Não fale assim comigo, garota estúpida!

— Cansei de você, cansei dessa vida de falsidade na qual vivi até agora. Decidi cuidar da minha vida e ser a senhora do meu destino. Vou fazer 18 anos amanhã, e você não pode mais mandar em mim. Adeus — disse, encerrando a ligação.

Guardei o telefone no bolso, enxuguei meu rosto e respirei a brisa do mar para tentar me acalmar um

PERIGOSAS ACHERON

pouco.

— Quanto você ouviu? — perguntei para o Eduardo, que estava atrás de mim.

— O suficiente — respondeu, sentando-se ao meu lado.

— Olha, eu posso te explicar algumas coisas... — tentei contar, mas ele colocou o dedo indicador nos meus lábios, interrompendo-me.

— Podemos conversar depois. Agora posso te abraçar? Se quiser — pediu, olhando-me com tanto carinho que me senti um pouco melhor em aceitar seu abraço.

— Sabe que não tenho mais os 6 mil reais para te pagar. Na verdade, nunca tive. Tinha esperança de conseguir o dinheiro depois que voltasse para casa. Mas agora vejo que não vou mais voltar.

— Não se preocupe com o dinheiro, posso te usar como empregada até pagar o que me deve — ironizou, fazendo-me rir. Mesmo no pior dia da

PERIGOSAS NACIONAIS

minha vida, ele conseguia me tirar um sorriso.

PERIGOSAS ACHERON



Epílogo

RAÍSSA

Alguns meses depois.

Aquela viagem me fez não apenas descobrir minha origem. Eu me encontrei, e enfim sabia o que queria fazer da minha vida. Além disso, encontrei alguém especial, uma pessoa maravilhosa que me ensinou a amar.

Eu não fazia ideia de que, no retorno da minha viagem, depois de me despedir do meu irmão, eu iria passar os melhores momentos da minha vida ao

lado do Edu. Foram momentos preciosos que eu guardaria para sempre comigo. O seu sorriso enquanto pulávamos juntos em uma das cachoeiras que encontramos no caminho, suas mãos na minha cintura todas as manhãs, os cafés improvisados, as aulas para pilotar a moto, as curvas que fazíamos com as mãos livres no ar, os gestos de carinho quando o outro estava dormindo, o cuidado que ele tinha comigo, seu cheiro, minhas mãos no seu cabelo, os passeios na chuva, os mergulhos no mar, e, por fim, o seus beijos. Não os contei, mas foram tantos e tão diferentes que eu gostaria de ter uma fotografia para cada um deles, porém, elas não seriam capazes de captar o que eu sentia quando seus lábios me beijavam na chuva, de manhã, na praia, na água salgada, na doce, quando eu estava feliz, irritada, nervosa, empolgada, bêbada, agressiva, sarcástica e sedutora. Nada podia eternizar com precisão aqueles momentos. Por isso,

PERIGOSAS NACIONAIS

eu faria sempre questão de repeti-los até minha mente gravar cada detalhe, cada som e cada gosto que senti.

Aprendi a viver um dia de cada vez, sem me preocupar com o dia de amanhã e aproveitando tudo o que a vida podia me oferecer. E foi numa dessas noites, sob o luar, sem qualquer aviso ou preocupação com o que poderia acontecer no dia seguinte, que aconteceu. Edu me olhou como se eu fosse a coisa mais preciosa que seus olhos já tinham visto, acariciou meu cabelo com cuidado, sentindo o perfume de rosas, beijou meus lábios com tanta delicadeza e cuidado que eu me derreti nos seus braços fortes. Explorei seu abdômen, sentindo o seu gosto misturado com o sal da água do mar. Suas pernas entrelaçadas nas minhas, o vai e vem das ondas guiava o nosso ritmo, e me entreguei a ele. Fizemos amor na areia da praia deserta com somente a lua e as estrelas como

PERIGOSAS ACHERON

testemunhas.

— Não consigo parar de beijar você — comentou Edu deitado ao meu lado na areia quentinha da praia deserta em que havíamos estacionado.

— É sempre assim? — questionei maravilhada, olhando o céu estrelado e me sentindo a garota mais sortuda do planeta.

— Com você, será sempre assim — sussurrou no meu ouvido com aquela voz que me deixava com as pernas bambas.

Demoramos duas semanas para voltar da nossa viagem. Gastei todas as minhas economias, e tivemos que fazer alguns trabalhos esporádicos para conseguir dinheiro para voltar. Conheci minha irmã em São Paulo e descobri que eu tinha duas sobrinhas lindas. Trocamos números de telefone e conversávamos sempre que podíamos.

Passei a morar com a Rosa e o Edu na casa deles,

PERIGOSAS NACIONAIS

e, juntos, abrimos um pequeno restaurante com o dinheiro que a Rosa ganhou depois que foi demitida da casa dos Guimarães. Parei de os chamar de pais desde que voltei do Nordeste e nunca mais os vi. Eu sabia que um dia precisaria voltar àquela casa, porém, estava adiando o máximo que podia esse momento. Eu tinha uma nova família e faria de tudo para compensar o tempo que passara longe dela.

Ajudava no restaurante de dona Rosa de todas as maneiras que eu podia, mas meu maior auxílio era na hora de atender clientes de outros países, pois os cinco idiomas que eu tinha aprendido ao longo da infância e adolescência me permitiam conversar com quase qualquer pessoa do planeta. Com isso, o restaurante ficou famoso entre os turistas.

— Eu tenho uma novidade pra mostrar — avisou empolgado o Edu, aparecendo de repente no restaurante certo dia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que é? — questioneei ficando na ponta dos pés para beijar seus lábios. Eu achava que nunca me cansaria de beijá-lo.

— Se continuar me beijando assim, vou esquecer a surpresa que tinha pra você — disse segurando minha cintura e me trazendo para mais perto dele.

— Pare de enrolar e conte logo — pedi me afastando para observá-lo melhor. A mesma jaqueta de couro, o jeans surrado, os cabelos pretos despenteados de um jeito sexy e os olhos castanhos mais gentis e amorosos que eu conhecia, e tudo isso era meu.

— Eu comprei nossas passagens — disse, mostrando-me dois papéis.

Se aqueles papéis eram o que eu imaginava, nossa tão aguardada viagem estava prestes a ser concretizada. Gostávamos tanto de viajar juntos que, assim que voltamos para São Paulo, começamos a idealizar um “mochilão” pela Europa.

PERIGOSAS ACHERON

— Está louco?! Onde conseguiu dinheiro? — perguntei pegando os papéis das suas mãos.

— Economizamos durante meses, e o restaurante está indo bem.

— Vamos viajar novamente! — exclamei empolgada, pulando no colo dele, entrelaçando minhas pernas na sua cintura e beijando seus lábios com tanta intensidade que sentiria seu gosto durante muito tempo na minha boca.

Nossa nova aventura só estava começando, mas eu já imaginava o quanto ela seria incrível.



Eu fechei um ciclo, encerrei uma etapa e estou satisfeita com o que aprendi escrevendo essas releituras. Dei meu toque especial a elas. Sei que terão muitas outras releituras sobre os contos de fadas. Todavia, nenhuma será assim. Descobri que contei novas histórias, criei personagens, mulheres fortes e decididas. Algumas queriam encontrar o amor, outras, nem tanto, mas o principal foi que trabalhei a essência dos contos de fadas – a superação.

Essa foi uma série que escrevi para minhas alunas, algo que eu gostaria que elas lessem e tivessem um relance do que gostariam de ser. Imaginei, ao escrever cada uma das princesas, garotas comuns, como as que conheço, trabalhei personalidades fortes e que tinham algo a dizer.

Encerro com o conto da Rapunzel, a garota mais segura de si sobre quem escrevi até hoje, alguém que não coloca o dinheiro e o poder acima das pessoas, que não se preocupa com a aparência e nem julga os outros por ela.

Quero agradecer a todos que me apoiaram para que essa ideia fosse concretizada. Desde o início, quando ousei escrever o primeiro conto, foram alguns meses de diálogos e conversas até surgir a ideia perfeita, a história mais adequada. Enfim, eu só tenho a agradecer a Ana pelas revisões primorosas, a Laizy pelas capas encantadoras, às minhas alunas e leitoras Gabi e Lorena, às minhas

parceiras dos blogs, Nathalia, Carol, Elaine e Carolina, por apoiarem a ideia.

Às minhas filhas, Jennifer, por me ajudar com as histórias, e Maria, por ser minha parceira na hora de rever os contos de fadas. Eu amo vocês, minhas garotas. E ao meu marido querido, por me apoiar sempre.

Obrigada, Deus, por me deixar contar mais uma história.

Com Carinho,
Cleia Lira



CLEIA LIRA nasceu numa pequena cidade do interior de São Paulo chamada Arco-íris, porém,
PERIGOSAS ACHERON

adotou Sumaré como sua cidade. Nela se casou e teve duas filhas. É professora e nas horas vagas lê. Na verdade, segundo seu marido, ela devora os livros. Esse é o seu vício, quando começa, não consegue parar mais. E foi assim que se tornou escritora, leu tanto que, um dia, procurou uma história diferente para ler e, como não achou, resolveu escrever. Alguns meses depois surgiu seu primeiro livro, *Sob sua proteção*.

PERIGOSAS NACIONAIS



Outras obras



Sob Sua Proteção

DISPONÍVEL EM FORMATO FÍSICO

PERIGOSAS ACHERON

COMPRE AQUI

Book trailer

SINOPSE

A jovem Mila tinha um sonho: ser bailarina! Mas para uma moradora do Morro do Alemão isso era quase impossível. Porém no seu aniversário de 18 anos ela conseguiu o que parecia o presente perfeito, mas transformou-se no seu pior pesadelo. Sua vida que já não era fácil ficou insuportável e quando se vê perdida, o jovem investigador da polícia federal, Nick entra em ação para protegê-la e o que era apenas uma missão, tornou-se sua razão de viver e agora ele será capaz de dar sua vida por ela.



Apenas uma vez
SÉRIE *OS GAROTOS DE JERSEY*, 1

DISPONÍVEL EM E-BOOK

Amazon

DISPONÍVEL EM FORMATO FÍSICO

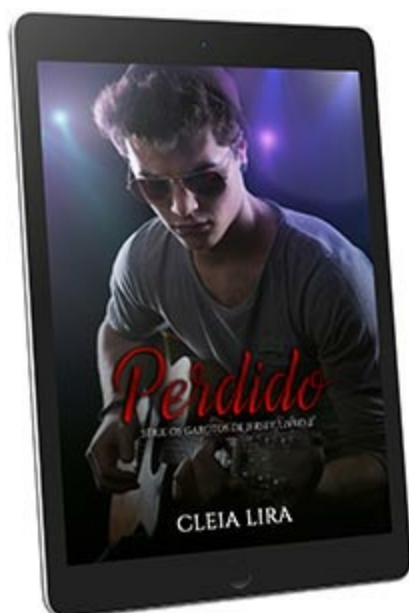
COMPRA AQUI

SINOPSE

Helena nunca cometeu um erro, nem se arriscou. Mas agora ela resolveu mudar e pelo menos uma

PERIGOSAS ACHERON

vez, vai jogar tudo para o alto. Uma viagem de formatura que prometia ser épica. Ela o conheceu na sua última noite em Vegas. O que era apenas uma noite se transformou em algo mais e ela acordou casada. Porém, nem imaginava que por trás daqueles lindos olhos azuis, estava o vocalista da banda de Rock mais famosa da atualidade. Ela pensou que nunca mais iria vê-lo novamente, mas o destino fez questão de mostrar o quanto ela estava errada.



Perdido

SÉRIE *OS GAROTOS DE JERSEY*, 2

DISPONÍVEL EM E-BOOK

[Amazon](#)

SINOPSE

O guitarrista da banda The Dangers acabou de encerrar mais uma turnê mundial, e, depois de dois anos convivendo com os loucos integrantes da banda, tudo o que ele quer é ficar sozinho. Até aí, tudo bem, exceto por um detalhe: durante os meses

seguintes, ninguém sabe do seu paradeiro, pois se encontra longe dos holofotes da fama e num lugar onde suas fãs jamais iriam procurá-lo. Perdido e sem rumo, Jonas terá que enfrentar um grande obstáculo para continuar tocando.

Um romance em que o simples ato de respirar pode mudar uma história.



O despertar de um amor

DISPONÍVEL EM E-BOOK

Amazon

SINOPSE

O Despertar de um Amor, conta a história de uma jovem tão doce e delicada que se transformou numa guerreira no pior momento da sua vida. Existe um velho ditado popular que diz: “só sabemos a verdadeira força de uma pessoa, quando ela precisa enfrentar uma adversidade.” É

exatamente nesse momento que vamos conhecer a Carol, estudante de Letras. Em 1971 ela encontrou seu primeiro amor, mas junto com ele vieram os conflitos, as lutas dos brasileiros, em especial as mulheres pela liberdade de expressão e o direito de ir e vir quando almejassem, durante a ditadura militar no Brasil. Esse conto é apenas um recorte desse momento tão importante da nossa história, mas sem dúvidas, vale a pena ler, suspirar, sorrir e chorar ao passar por cada página.



Despedaçados

DISPONÍVEL EM E-BOOK

Amazon

SINOPSE

Esse conto é a história de um recomeço, são duas pessoas fugindo dos seus problemas e daqueles que a machucaram para morar numa ilha, onde o vizinho mais próximo fica a milhas de distância. Como juntar os pedaços? Quando sua vida foi destruída não uma, mas duas vezes.

PERIGOSAS NACIONAIS

O que eles têm em comum, além de sofrer uma perda? O Farol da ilha onde moram, foi desativado há muito tempo e deixou de ser o porto seguro dos navios que se perdiam no mar, para ser o local onde duas pessoas machucadas se encontram para recomeçar.

PERIGOSAS ACHERON



Entre amor & laço

DISPONÍVEL EM E-BOOK

Amazon

SINOPSE

Quando estava prestes a entrar na faculdade, Laís teve uma grande mudança na sua vida. A garota da cidade agora morava na fazenda. A sua rotina e amizades mudaram, mesmo sem a sua permissão. Essa temporada na casa da sua tia promete muitas surpresas e aventuras, uma delas é um certo peão

de rodeio que deixa todas as garotas apaixonadas por ele, mas que, por um capricho do destino, é um dos seus primos. Enquanto um é proibido, o outro só quer saber de conquistá-la. Dividida entre dois amores, nossa protagonista embarca num romance que promete ser o mais intenso que já viveu.



Escolhi você

DISPONÍVEL EM E-BOOK

Amazon

SINOPSE

Mel tem uma carreira promissora e brilhante. Porém, sua vida amorosa é um verdadeiro desastre: sua mãe acredita que a filha tem um radar para atrair cafajestes; seus relacionamentos não passam de alguns meses. Diante dessa situação, ela perdeu a esperança de encontrar o seu príncipe encantado.

PERIGOSAS ACHERON

No entanto, ela quer ser mãe e, pressionada pela família, resolve usar um aplicativo de relacionamentos para encontrar o homem que vai ajudar a realizar seu grande sonho. Contudo, como nada na vida dessa garota é fácil, essa busca promete ser sua maior aventura.



Um conto quase de fadas

DISPONÍVEL EM E-BOOK

Amazon

SINOPSE

Um encontro inusitado, duas pessoas que nunca poderiam ficar juntas, um baile de máscaras, o beijo inesquecível, a noite mais quente que eles já experimentaram.

E agora? O que fazer com a avalanche de sentimentos que apareceu no dia seguinte...?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Um conto de fadas moderno e ousado que vai te deixar ansioso para chegar à última página.

PERIGOSAS ACHERON



O encanto de Bela

DISPONÍVEL EM E-BOOK

Amazon

SINOPSE

Um jovem estudante de medicina que tem tudo, porém, não sabe valorizar nada.

Uma garota pobre que batalha para se sustentar sozinha.

Juntos, eles vivem um romance tão conhecido por tantos leitores, mas, dessa vez, sem magia,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

embora Bela ainda seja a protagonista da história, com seu encanto todo especial e seu prazer pela leitura, que vai mostrar à Fera que ele pode conquistar tudo o que perdeu e ainda descobrir o verdadeiro amor.

Um conto de fadas tão real que imerge o leitor em suas páginas.

PERIGOSAS ACHERON



O veneno da maçã

DISPONÍVEL EM E-BOOK
[Amazon](#)

SINOPSE

Você já sentiu que sua vida estava prestes a mudar? Como se tudo estivesse suspenso, aguardando um começo desconhecido?

É exatamente assim que Branca se sente ao esperar o começo das aulas na faculdade e as mudanças que viver sozinha irão proporcionar. A

PERIGOSAS ACHERON

garota sonhadora da fazenda vai deixar a proteção dos seus sete irmãos para embarcar numa aventura.

Entretanto, antes disso tudo acontecer, ela se apaixona por William, hóspede na fazenda, bem mais velho do que ela. O agrônomo chegou para cuidar das pragas nas macieiras, mas vai fazer muito mais do que isso num verão inesquecível.



Até você acordar

DISPONÍVEL EM E-BOOK

[Amazon](#)

SINOPSE

Uma história de amor à primeira vista.

Uma noite que ficou para sempre na memória de Aurora e Arthur, por motivos diferentes, mas sem perder o seu encanto.

Já pensou em parar o tempo? Rever uma noite nos mínimos detalhes e depois se descobrir

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

apaixonada por alguém com quem nunca se conversou fora de um sonho?

O amor não pede para nascer; ele rompe as barreiras que foram impostas e fica ali, esperando o momento certo para florescer. Pode ser num instante, levar dias, meses ou, como no caso de Aurora e Arthur, o tempo que for preciso.

PERIGOSAS ACHERON



Contato

Entre em contato com a autora em suas redes sociais:

Facebook | Instagram | Wattpad | Site

Gostou do livro? Compartilhe seu comentário nas redes sociais e na **Amazon** indicando-o para futuros leitores. Obrigada!

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON